

O enfrentamento da desigualdade através da arte¹

Alida Vitória Álvarez Fuhrmeister², Porto Alegre

Maristela Priotto Wenzel³, Porto Alegre

Rosangela Costa⁴, Porto Alegre

O presente artigo apresenta o relato da atividade Rodas de conversa: o enfrentamento da desigualdade através da arte, realizada no I Simpósio Vulnerabilidade Social e Psicanálise da SPPA, que é resultado do trabalho interinstitucional construído há quatorze anos entre a Secretaria Municipal da Educação (SMED), o Projeto Pescar e a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Nesta atividade sobre arte e psicanálise, tanto a música quanto a poesia são colocadas como possibilidades de construção de narrativas mais flexíveis, onde a violência urbana pode ser pensada, promovendo novos atravessamentos e discussões entre pessoas nos espaços coletivos existentes na nossa cidade.

Palavras-chave: Educação; Rodas de conversa; Arte; Psicanálise; Cultura

¹ Este trabalho é uma síntese da atividade *Rodas de conversa: o enfrentamento da desigualdade através da arte*, com a participação da musicista Dulcimarta Lemos Lino (UFRGS/FLADEM), de Jorge da Silva Ferreira (Advogado, Mestre de Capoeira) e de representantes do grupo SLAM, que aconteceu durante o I Simpósio de Vulnerabilidade Social e Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Diferenças e desigualdades, em outubro de 2018.

² Médica psiquiatra. Membro aspirante graduado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

³ Psicóloga, psicanalista, membro associado e analista de crianças e adolescentes da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

⁴ Psicóloga, membro aspirante graduado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Introdução

Existem momentos em que o relato⁵ de um acontecimento nos faz pensar no envolvimento emocional e no tempo. Isto aconteceu ao relembrar os doze anos percorridos até a organização deste primeiro Simpósio de Vulnerabilidade Social e Psicanálise, realizado em parceria entre a Secretaria Municipal de Educação (SMED), a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e o Projeto Pescar. O presente relato envolve, no mínimo, três questões: Onde? Quando? Por quê?

O *onde* pode ser entendido como a sede da SPPA, por ocasião do Simpósio organizado pelo grupo de psicanalistas com o desejo de mostrar o trabalho interinstitucional realizado até então. O *quando* foi o momento em que trouxemos notícias, em especial através deste nosso pensar atual sobre a psicanálise ampliada para pessoas da nossa comunidade.

Em relação ao *porquê*, entendemos o quanto é crucial trabalharmos nossa ciência aliada àquela praticada pelos outros envolvidos, educadores, arquitetos, poetas, músicos etc. Pessoas que, assim como nós, manifestaram interesse em discutir os assuntos deste universo. Através deste artigo, nós, psicanalistas, pretendemos apresentar algo que existe além da psicanálise do divã, podendo ser estendido para entender os discursos das comunidades e as suas narrativas.

Sabemos da importância de ampliarmos discussões sobre vulnerabilidade social nas instituições, como fazem todas as Sociedades Psicanalíticas que trabalham com vínculos e com o aprender psicanalítico prático e teórico, mas sem que, por isso, estejam isentas de suas vulnerabilidades.

Uma questão importante no tema dos vínculos e das intersecções com a aprendizagem é o trabalho de proximidade realizado junto às instituições implicadas com a infância. Lugares onde existem pessoas interessadas nos sujeitos que vivem as experiências de vida, em todas as instituições, no cotidiano da sua cidade. Temos grande satisfação pelo trabalho que realizamos de forma coletiva através de parcerias com a SMED (Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre) e com o Projeto Pescar.

Foi especial receber na SPPA um público diferente: alunos de psicologia, arquitetos, músicos, poetas e escritores, entre outros convidados que trabalham a infância, assim como nós. Segundo Viñar (2014), este é o tipo de trabalho que

⁵ De forma enfática, fica a sugestão para que o leitor assista ao vídeo desta atividade (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JXO4N1UQD6k&t=4004s>), quando poderá experimentar – de forma mais aprofundada – as manifestações artísticas, envolvendo-se no clima coletivo do que foi vivenciado no momento.

permite riqueza de debate e convida a pensar, ou melhor, força a pensar, e isso não acontece com frequência.

Camille Paglia é uma escritora norte-americana conhecida por sua capacidade de misturar culturas, tais como história da arte, sexualidade e cultura pop. Da sua obra *Imagens cintilantes* (2012), extraímos um alerta no sentido de evitar fecharmo-nos “em galerias”, o que poderia limitar a nossa visão da vida: “[...] a arte é o casamento do ideal e do real, os artistas são artesãos, mais próximos dos carpinteiros, dos soldadores, do que dos intelectuais e dos acadêmicos. A arte usa os sentidos e a eles fala. Funda-se no mundo físico tangível” (Paglia, 2015, comunicação verbal).

A escolha de viver o impacto da arte naquela tarde de psicanálise e desigualdade fez o público refletir sobre este *fazer artesanal* da arte, algo que nos remete à psicanálise destas parcerias, que ganha força coletiva e faz reverberar sobre a insistência do submergir na subjetividade, na via do democrático. Reforça-se, assim, a vivência emocional livre e direita dos sujeitos envolvidos neste fazer.

Trouxemos os convidados – Dulcimarta Lemos Lino (musicista), Jorge da Silva Ferreira (capoeirista) e Bruno Negrão (poeta) – para o formato de *rodas de conversa*⁶, com o intuito de ampliarmos os pensamentos e ideias sobre as vulnerabilidades em diferentes espaços.

A experiência viva de cada narrador nos fez transitar pelas palavras e pelo silêncio. Vivemos a experiência de compartilhar não somente pensamentos, mas também sensações de esperança nas articulações de um grupo atento a novas e futuras narrativas possíveis.

Ao pensarmos juntos sobre a violência, abrimos um espaço que tornou possível refletir sobre a desigualdade que permeia o cotidiano da comunidade. Como se pensa a violência? Como são trabalhados os espaços da nossa cidade em relação à prevenção da violência urbana? Como pensamos o preconceito e o racismo? E, entre nós, psicanalistas e educadores, como tem sido o trabalho com o tema da violência fora dos consultórios?

A questão da arte e da psicanálise envolve o pensar para combater as consequências das hostilidades humanas primárias. Pretende-se evitar uma completa ameaça de desintegração deste humano para seguirmos em direção à nossa cultura. A discussão sobre a violência busca estes espaços para criar novos atravessamentos, permitindo que, a partir de tais lugares, seja possível erguer narrativas novas para prosseguir rumo ao desenvolvimento e, assim, realizar o necessário exercício de reflexão neste espaço do Simpósio.

⁶ N.R.: A conceituação deste termo poderá ser verificada no trabalho *Rodas de Conversa entre educação e psicanálise: um projeto de pesquisa*, de Ferrari et al., presente nesta edição.

Alida Vitória Álvarez Fuhrmeister, Maristela Priotto Wenzel, Rosangela Costa

Orduz (apud Khouri & Silva, 2016), ao relatar uma experiência com uma musicoterapeuta a propósito de uma visita sua a um CAPs, escuta esta fala: “O que tento localizar é o som que cada pessoa tem” (p. 207). Este psicanalista nos alerta para que não nos percamos em significações teóricas e, assim, deixemos de examinar a musicalidade das linguagens. Ele lembra a frase de Tanizaki, “para que haja a música é necessário haver silêncio” (Ibid., p. 208). É importante lembrarmos que é possível buscar um elemento rítmico entre a sonoridade e o silêncio, bem como valorizar a presença e a ausência.

Após reunirmo-nos em uma grande roda, a nossa primeira convidada, uma professora de música, proporcionou a experiência de escutarmos juntos um instrumento confeccionado artesanalmente, chamado *tambor d’água*.

Ela nos fez sentir, escutar, pensar e falar sobre o tema da violência social com o ritmo da música que, somado à força do coletivo, fez crescer no grupo a recusa da indiferença. Naquele momento, éramos todos iguais. Recusamos o sensacionalismo dos meios de comunicação de massa – que anunciava o momento político do país – para estarmos na contramão. Valorizamos a integração dos nossos corpos, acreditando na potência dos vínculos como possibilidade de enfrentar a construção do novo em nossa instituição. Como cidadãos brasileiros, estávamos atentos sobre a responsabilidade de sair deste quase *colonialismo exploratório* imposto pelo nosso passado, dando o devido valor às nossas etnias, aos nossos negros e aos nossos índios, todos aqueles que, graças aos seus descendentes formadores da maioria da população do país, compõem a tão especial cultura brasileira.

Transcreveremos alguns fragmentos da fala de Dulcimarta, que como professora de música nos fala sobre a importância do corpo na aprendizagem. Ela inicia por nos sensibilizar citando as palavras de Bachelard: “*Escuta não as minhas palavras, mas o eco que elas fazem*”. E segue: “*quando falamos de vulnerabilidade, falamos do corpo e de tudo que o corpo pode. Na música sempre se encontra uma relação entre o som e o sentido. E para nós, músicos, a palavra ressonância é muito especial, como refere o filósofo Jean Luck Nanci, que nos falou, de forma tão bonita, que este momento da escuta envolve um momento de disponibilidade e acesso. Acesso no sentido de entrar em linguagem (...). Vocês estavam conectados comigo. Estavam me ouvindo e me vendo, ouvindo este tambor d’água. Vocês viveram uma experiência do sentir*”. Então Dulcimarta responde à questão: o que é uma experiência do sentir? “*(...) nós que trabalhamos com música, sabemos que esta experiência do sentir vai sempre trabalhar com duas questões fundamentais (...) o movimento de improvisação e a composição de sentidos. O movimento de improvisação é o exercício que nos leva a uma composição. Como exemplo, posso destacar a importância da partitura, que une estas duas*

coisas. A separação de cada voz ou aquilo que cada um faz está presente em uma partitura. E a partitura somente poderá ser uma música para quem domina esta gramática. Quando olhamos para uma partitura, nós, músicos, enxergamos o som, e podemos ver esta onda sensível chegar na profundidade de cada um. Então, ao falarmos do toque, estamos falando de um encontro com o outro, algo que exige disponibilidade e acesso”.

E segue dizendo que na atividade com as crianças na escola se trabalha a experiência estética e que, embora pianista, inicia o trabalho com o som que “*nós fazemos; o som do sapato, da roupa, da cadeira (...). Desta forma, passamos a pensar no som como algo singular. O som para conjugar o que é singular – e perceber o que está faltando – também nos une para buscar enfrentamentos, mas, no dia a dia, tudo que nos une está ali para todos. O simples, e não aquilo que é simplificado. E, assim, vamos edificando esta docência improvisada, a qual considero território básico do brincar. Cito Violeta Hemsy de Gainza (1983), que diz: ‘A criança que brinca é o adulto que cria’.* E prossegue dizendo “*cria outras formas de estar e de ser no mundo, provocando ressonâncias com aquilo que já habitou esse mundo, com aquilo que este ser humano já viveu. Estamos em tempos que a educação infantil passa por um retrocesso muito grande: não querem que as crianças até os cinco anos fiquem na educação infantil para brincar, pois acreditam que brincar não tem conteúdo. O brincar é isso mesmo, importante por que é improvisado. O brincar existe no indefinível, no estar em contato. Este contato (trago uma lanterna de exemplo) pode ser como uma luz. Uma luz que vem até mim. Como um som. Como uma palavra. Este contato vai caracterizar o que chamamos de acolhida, que marca e demarca a potência de estarmos no coletivo do cotidiano da Escola Pública brasileira. Que tem muito. Que tem pessoas maravilhosas. (...) que é estar com as crianças em ressonância. Com as crianças, eu canto uma música em que ali eu sou um dinossauro (por exemplo) e ali estou nesta gramática e, a partir desta mesma gramática, eu me disponibilizo a estar na escuta. E aprendi muito com meus professores na universidade, e tudo o que aprendi considero muito importante. Ensinarão-me regras, como tocar o dó sustentado. Como tocar o mi. Como tocar o fá. Deram-me muitas armas!”.*

Então ressalta “*faltou ensinar a minha música. O eu, o singular gostaria de tocar? Do tamanho da minha mão? O que eu gostaria de fazer? E como fazer? Nesta caminhada singular, para cada um depende dos processos de escuta e criação. É importante criarmos para nós mesmos, para que possamos então nos narrar... Como disse Tom Jobim: ‘o que levamos da vida é a vida que a gente leva’.* Portanto, vejo muita força nisso, tanto no meu projeto de querer um piano pronto para a escola quanto no percurso de aprender a tocar no sentido da ressonância”.

Alida Vitória Álvarez Fuhrmeister, Maristela Priotto Wenzel, Rosangela Costa

E explica “*por meio das ressonâncias, fui aprendendo a tocar de um jeito diferente, percebendo que os sons e os silêncios estão sempre presentes. Também podemos ver ali o devir e o porvir. Na infância, a beleza da ressonância é poder enxergar uma unidade antes de ouvir. Quando a música está pronta, ela tem uma forma. Seria a potência de construir algo que ainda não foi feito, que não está pronto, e que só pode ser feito com o nosso corpo se tivermos espaço de liberdade, de democracia, para, então, compreender que eu posso. Não ficar ligado ao pronto se reproduz uma música e se sou afinado ou desafinado, baixo ou alto (...). Deleuze nos fala tudo que pode um corpo. Também fala da potência do corpo. Na qualidade de professora, eu sou da filosofia da infância e, nesta filosofia, nós vamos encontrar muitas potências do corpo, as quais irão depender das experiências vividas, não de uma palavra parada no discurso, mas, principalmente, da experiência do simples e de entender que o corpo tem um limite. O meu limite. É o corpo que impõe o limite, ele que me diz quando parar. Por isso, acho que a música pode contribuir muito na vulnerabilidade social, no enfrentamento e na resistência. Nosso trabalho de construção de idiofones⁷ na Vila Salomoni, assim como os painéis sonoros, tiveram o objetivo de brincar com os sons e com os silêncios, que ainda não estavam organizados como música”.* E conclui “*uma caminhada começa ao observar a caminhada do outro. A palavra toma conta da música. O músico naturalmente se apresenta não com a palavra, mas sim com a música. Portanto, é importante enfrentar estes desafios em que nos encontramos não somente no olhar, no toque que não precisa sequer tocar o corpo do outro, mas através da palavra, pois a palavra nos toca. E a gente tem pálpebras nos ouvidos”.*

O clima no ambiente em que a arte está presente se modifica. O som do tambor d'água mobiliza a esperança, porém nos remete ao silêncio da tristeza. Movido por um profundo pesar, este coletivo chora a perda de um artista nacional: o mestre de capoeira, compositor e dançarino, o baiano Romualdo Rosário da Costa, conhecido por todo o Brasil como Moa do Katendê. Ele foi assassinado no dia 10 de outubro, no Dique do Tororó, um ponto turístico de Salvador. Este assassinato aconteceu na véspera das eleições brasileiras de segundo turno. Nossa tristeza coletiva nos remetia a outras tantas perdas políticas e sociais que foram presenciadas e sentidas no decorrer do tempo. Assim se apresenta o músico, Jorge Silva Ferreira:

“Eu, Jorge da Silva Ferreira, não fiz um texto. Apresento-me somente com o improviso, por que a capoeira é sempre de improviso. A capoeira foi o que me lançou no mundo. Portanto, não faço nenhum discurso, quero mesmo é homenagear

⁷ N.A.: Idiofone é um instrumento musical cujo som é provocado pela sua vibração. É o próprio corpo do instrumento que vibra para produzir o som, sem a necessidade de nenhuma tensão.

o mestre Moa do Katendê, e os dois meninos assassinados na Bom Jesus, com o Toque de UNA”. E assim tocou seu berimbau.

Encerramos a atividade com um trecho da poesia do Bruno Negrão (Poesia do Grupo SLAM)⁸:

“(…) Preto já nasce sabendo sambá
 Fazê embaixadinha
 Toca pandeiro
 Ninguém precisa ensiná
 Simplesmente já nasce sabendo
 Comigo foi igualzinho
 E o que me deixa de cara
 É que foi sozinho
 Aprendi sobre Zumbi
 Tereza de Benguela
 E Dandara
 E mesmo sem faltar aula
 É que eu sempre fui de fazer lição
 É que os professores acharam mais,
 Conveniente ensinar
 Ensinar sobre os Imperadores
 de alguma dinastia do Japão.
 Só que sempre fui curioso
 Sempre gostei de perguntar
 Um dia pedi: Pai, existem mais,
 Pretos ou brancos?
 Ele disse: filho depende do lugar.
 Só no outro dia, fui me tocar
 Quando cheguei na sala de aula
 Que eu era o único preto
 Do colégio particular
 Eu, já fiz as contas,
 Não é brincadeira!
 Tem mais preto no Buzum
 Que eu vou para aula

⁸ N.R.: *Slams* ou *Poetry Slams* são encontros de poesia falada e performática, geralmente em forma de competição, onde um júri popular, escolhido espontaneamente entre o público, dá nota aos *Slammers* (os poetas), levando em consideração principalmente dois critérios: a poesia e a desempenho.

Alida Vitória Álvarez Fuhrmeister, Maristela Priotto Wenzel, Rosangela Costa

*Do que na minha faculdade inteira
O homem mais poderoso do mundo,
Já foi preto,
Nem por isso a casa deixou de ser branca (...)*

Com uma grande *roda de conversa*, sentimos e falamos sobre compartilhar a vulnerabilidade social através da arte expressada neste som do berimbau. O som das lágrimas expressava as dores sentidas sobre o racismo narrado em poesia pelo convidado poeta. Ao mesmo tempo, ao som tranquilizador das nossas vozes, revelou a disparidade de nos sentirmos juntos e com esperança sobre nossas angústias sociais. Entre os barulhos de mar produzidos pelo tambor d'água e os choros e sorrisos das pessoas, produzimos este espaço de movimentar ações. Pensar os sofrimentos humanos, teorizar sobre eles, transformando as narrativas, sempre buscando este *não cessar* do nosso empenho diário no trabalho coletivo e interdisciplinar.

Tanto para a psicanálise quanto para a educação, a questão do saber e do conhecer passa pela necessidade de se lidar com a verdade. Valorizamos esta relação mediante a prevenção de certa cegueira social sentida diariamente no nosso cotidiano.

Esta psicanálise transita ocupando espaços, sem perder o respeito à técnica e ao método psicanalítico. Respeitamos as *nossas partituras*, os nossos enquadres. Seguimos no reconhecimento das nossas vulnerabilidades no dia a dia e nos grupos, permanecendo abertos a todas as *ressonâncias do outro*. Ao receber as palavras deste outro, podemos fazer com que este transformador se torne ressonância. Assim, pretendemos criar a nossa original *composição de sentidos*.

Wald (2018) refere a importância do trabalho interdisciplinar, por que nos obriga a reconhecer a nossa incompletude no que diz respeito às ferramentas teóricas e técnicas utilizadas para abordar o problema da violência. Trata, assim, de uma ampliação necessária para uma transdisciplinariedade, que seria o local em que podemos examinar esta nova pluralidade formada por muitas teorias, valorizando a dinâmica envolvida de cada época e examinando a realidade como uma unidade aberta, com vários níveis de realidade a serem analisados.

É essencial que possamos ter *acesso* e fazer *ressonância* no dia a dia das nossas cidades, com um número maior de projetos sociais ligados à psicanálise e à arte. Não somente nos nossos consultórios, mas nas cidades e nas comunidades. Através destas ações efetivas, o som das vozes provoca uma dimensão mais objetiva para olhar a subjetividade, tentando tornar este desigual um assunto mais frequente. Além disso, faz ecoar o tema do racismo, da violência e do preconceito,

entre outros, possibilitando que estes assuntos sejam mais abordados nas escolas e falados em sala de aula entre as professoras em nossas rodas de conversa ou até mesmo no recreio entre os alunos.

Portanto, a nossa tentativa foi tornar um pouco mais visível o invisível das nossas tristezas que atravessam os séculos. Seguimos buscando conhecer as músicas, as poesias e os saberes da psicanálise.

Conclusão

Para concluir este artigo, gostaríamos de referendar a experiência viva de vida no Simpósio que nos possibilita a abertura de janelas de reflexão que trouxeram novos ventos e novos sons, algo que nos *força a pensar* numa imersão em direção ao novo, em direção à pesquisa e aos vários universos que se interlaçam e ampliam no âmbito psicanalítico. □

Abstract

The confronting of inequality through art

This paper presents the report of the activity *Conversation circles: the confrontation of inequality through art*, held at the 1st SPPA Social Vulnerability and Psychoanalysis Symposium, which is the result of the interinstitutional work built fourteen years ago between City Education Department of Porto Alegre (SMED), Pescar Project and Porto Alegre Psychoanalytical Society (SPPA). In this activity about art and psychoanalysis, music and poetry are placed as a possibility of building more flexible narratives, where urban violence can be thought, promote new intersections and discussions between people in collective spaces in our city.

Keywords: Education; Conversation circles; Art; Psychoanalysis; Culture

Resumen

El enfrentamiento de la desigualdad a través del arte

Este artículo presenta el informe de *Ruedas de conversación: la confrontación de la desigualdad a través del arte*, celebrado en el I Simposio de Vulnerabilidad Social y Psicoanálisis de la SPPA, que es el resultado del trabajo interinstitucional

Alida Vitória Álvarez Fuhrmeister, Maristela Priotto Wenzel, Rosangela Costa

construido hace catorce años entre la Secretaría Municipal de Educación (SMED), el Proyecto Pescar y la Sociedad Psicoanalítica de Porto Alegre (SPPA). En esta actividad sobre arte y psicoanálisis, la música y la poesía se colocan como una posibilidad de construir narrativas más flexibles, donde se pueda pensar la violencia urbana, promover nuevas intersecciones y discusiones entre personas en espacios colectivos de nuestra ciudad.

Palabras clave: Educación; Ruedas de conversación; Arte; Psicoanálisis; Cultura

Referências

- Gainza, V. H. (1983). *La improvisación musical*. Buenos Aires: Ricordi.
- Khoury, M. G. & Silva, P. R. (2016). Psicanálise à céu aberto. *Calibán. Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 14(1): 194-208.
- Negrão, B. (2018). *Poesia do SLAM*. Porto Alegre.
- Paglia, C. (2012). *Imagens cintilantes: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars*. Nova York: Pantheon.
- Paglia, C. (2015). Arte, cultura e feminismo. *Conferência no Fronteiras do Pensamento – Como conviver*, São Paulo.
- Tanizaki, J. (1933). *Elogio da sombra*. Trad. Moreira, M. G. Lisboa: Relógio D'Água, 2008. (In praise of shadows)
- Viñar, M. (2014). Minha vida e o movimento psicanalítico no Rio da Prata. *Calibán. Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 12 (2): 271-277.
- Wald, A. (2018). Notas sobre vulnerabilidad y desamparo en la infancia. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 127: 90-101.

Recebido em 02/08/2019

Aceito em 21/10/19

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Alida Vitória Álvarez Fuhrmeister

Rua Dr. Florêncio Ygartua, 288/401

90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil

alidavitoria@hotmail.com

O enfrentamento da desigualdade através da arte

Maristela Priotto Wenzel

Rua 24 de Outubro, 111/705
90510-003 – Porto Alegre – RS – Brasil
maristelapw@terra.com.br

Rosângela Costa

Rua dos Andradas, 1646/72
90020-012 – Porto Alegre – RS – Brasil
costa.rosa@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA